



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

OS ADINKRAS: IDEOGRAMAS DAS TRIBOS AFRICANAS

Carlos Luiz Pereira de Cerqueira

UEFS - Universidade Estadual de Feira de Santana

Mestrando do Programa de Mestrado em Desenho, Cultura e Interatividade

carlosconsultoria@hotmail.com

Marise de Santana

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

nabaia1960@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como objetivo registrar o apreço dos ideogramas Adinkras na arte africana e o seu legado. A arte africana apresenta grandeza, manifestações significativas, emoção, relação com as crenças religiosas e aos costumes das comunidades. Os desenhos Adinkras são muitas vezes utilizados como forma de expressão criativa e artística. Cada símbolo representa um provérbio, um ditado ou um conceito, ligado na sabedoria e conhecimento dos povos em África. O conjunto dos ideogramas representados por um conceito abstrato, transmitem valores e ideias. Os desenhos adinkras são um tipo de escritura pictográfica, usados diariamente e que estão presentes nos tecidos tradicionais, decoração de utensílios domésticos e rituais. Portanto, ter conhecimento da cultura africana por meio dos símbolos adinkras possibilitará o entendimento da arte e seus significados, permitindo a construção de uma sociedade mais justa que certifica como verdadeiro a história e a cultura de seu povo. Assim, é importante ter conhecimento da cultura negra, da cultura afro-brasileira, e reconhecer a representatividade e as características tribais africanas, existentes nos símbolos Adinkras.

Palavras-chave: Arte, Desenho, Legado.

Abstract

This article aims to register the appreciation of the Adinkra ideograms in African art and its legacy. African art presents greatness, significant manifestations, emotion, relationship with religious beliefs and the customs of communities. Adinkra designs are often used as a form of creative and artistic expression. Each symbol represents a proverb, saying or concept, linked to the wisdom and knowledge of people in Africa. The set of ideograms represented by an abstracted concept convey values and ideas. Adinkra designs are a type of pictographic writing, used daily and that are present in traditional fabrics, decoration of domestic utensils and rituals. Therefore, having knowledge of African culture through the adinkra symbols will enable the understanding of art and its meanings, allowing the construction of a fairer society that certifies as true the history and culture of its people. Thus, it is important to have knowledge of black culture, Afro-Brazilian culture, and recognize the representation and African tribal characteristics, existing in the Adinkra symbols.

Keywords: Art, Design, Legacy.



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

1. Introdução

O início dos meus estudos sobre as manifestações artísticas culturais africanas começaram com a minha viagem para Angola, continente africano situado na costa atlântica Sul da África Ocidental, entre a Namíbia e a República do Congo. Com isso, minhas pesquisas sobre o legado africano tiveram partida nos angolanos em inúmeras expressões que podem ser visualizadas no idioma, na comida, na música, nas manifestações religiosas e no próprio comportamento. O contato diário com o povo angolano me possibilitou desenvolver trabalhos de importância cultural, profissional e social. Em algumas comunidades que conheci e trabalhei pude atuar no desenvolvimento local, de forma a incentivar o intelecto e a criatividade, gerando renda para a população. Assim, ampliei os meus conhecimentos sobre seus costumes e suas crenças religiosas.

O continente africano possui um grandioso e absoluto significado simbólico, possuindo uma riqueza cultural extraordinária. O interesse e a disponibilidade de conhecer, algumas tribos africanas (Ovimbundos, Ambundos, Chócués e Ovambos), engrandeceram meus estudos sobre a África. Os ideogramas adinkras produzidos pelo povo Akan, chamaram-me à atenção pelo significado e pela expressão gráfica. Os conceitos encontrados nos símbolos transmitem o conhecimento e as experiências desta civilização. Portanto, as pesquisas que realizei, levaram-me a compreender os provérbios e os significados dos símbolos Adinkras.

É de fundamental relevância fazer um apanhado conceitual sobre a influência dos ideogramas gráficos da África na formação da cultura brasileira. Esta importância de vale devido aos vários elementos encontrados da herança cultural africana no nosso cotidiano. Desta maneira, esta pesquisa foi realizada na Comunidade Quilombola da Baixa da Linha, quilombo rural situado no campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, no município de Cruz das Almas. O questionamento apareceu diante da incerteza em minha percepção: será que a Comunidade da Baixa da Linha tem conhecimento dos ideogramas adinkras e de seu legado?

A Comunidade Quilombola da Baixa da Linha está situada em áreas próximas à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, localizada no município de Cruz das Almas, estado da Bahia. É composta por famílias que se instalaram nas proximidades da linha do trem (por isso o nome da comunidade) e por ventura foram construindo suas moradias. Assim, no decorrer da minha pesquisa metodológica foi realizada uma entrevista com os moradores e artistas da comunidade para trabalhar os ideogramas adinkras como imagem



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

cultural e um estudo sobre a certificação da comunidade como remanescente de quilombo.

2. A arte do povo Akan e os desenhos Adinkras

Segundo Dossin (2011) mencionado por Rezende e Silva (2013/2014), a Arte Africana é muito conhecida pela memória de suas esculturas, assim como, das peças que ocultam as suas identidades (máscaras africanas). Todas essas produções artísticas são vistas com preconceito sobre os olhos eurocêntricos, o que impede a sua valorização. Assim, segundo Franco Monti (1992), ainda por Rezende e Silva (2013/2014), no continente africano a arte teve objetivo social, ou seja, compreendida como forma de ensinamento e motivação para o ser humano.

A arte pode ser representada de várias maneiras, seguindo inúmeros conceitos, onde o ser humano pode expressar sua cultura, suas emoções e sua história. Assim, para Azevedo Júnior (2007) sobre o seu entendimento, o universo da arte é absoluto e presente com a possibilidade de ser considerado, compreendido e estimado. E através dessa experiência com a arte, o indivíduo desenvolve sua criatividade, aprendendo a respeitar as diferenças e transformando sua realidade. Com isso, a arte dá movimento para a vida e dá uma razão para o que devemos fazer no mundo.

Na sua pesquisa pessoal sobre o ensino da arte, o autor José Garcia de Azevedo Júnior complementa:

Dentre os possíveis e variados conceitos que a arte pode ter podemos sintetizá-los do seguinte modo – a arte é uma experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa idéias e emoções na forma de um objeto artístico (desenho, pintura, escultura, arquitetura etc) e que possui em si o seu próprio valor. Portanto, para apreciarmos a arte é necessário aprender sobre ela. Aprender a observar, a analisar, a refletir, a criticar e a emitir opiniões fundamentadas sobre gostos, estilos, materiais e modos diferentes de fazer arte. (AZEVEDO JÚNIOR, 2007, p. 7).

Segundo explica Castro (2007), a civilização Akan encontra-se em sua maioria na parte sul de Ghana. Nas pesquisas de alguns historiadores o grupo Akan migrou do norte a fim de ocupar a floresta e as áreas litorais no início do século XIII. O povo Akan também ocuparam a parte oriental da Costa do Marfim, onde formaram a comunidade de Baule. A família é a base principal do povo Akan e sua linhagem está associada a um grupo contido de representação simbólica. A sociedade Akan, trabalhavam os ideogramas chamados de adinkras, que significa “adeus”. Esses símbolos expressam sua cultura e apresentam-se como forma de comunicação e seguimento de vida. Assim, os adinkras são o potencial e a identificação da imagem de tudo que é produzido, pois é carregado de significados, expressa muita sensibilidade e está relacionado aos costumes das comunidades e as suas



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

crenças religiosas, conforme mostra a figura 1.



Figura 1: Os chefes da comunidade Akan da Costa do Marfim.

Fonte: <https://www.ghanalive.tv/2017/06/05/the-akan-chiefdoms-of-ivory-coast>.



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

O povo Akan trabalham os símbolos adinkras como identificação de vida. O símbolo adinkra é: “um conjunto de ideogramas estampados em tecidos e adereços e esculpido em madeira ou em ferro, como se fossem carimbos e que possuem significado próprio.” (WILLIS, 1998 p. 15).

Sobre a relevância do desenho como apresentação criativa, no livro “Desenhando com o lado direito do cérebro”, a autora Betty Edwards ressalta sobre a importância do desenhar: “[...] A partir desta experiência, você desenvolverá a capacidade de perceber as coisas de uma maneira nova, em sua totalidade, de descobrir configurações e possibilidades ocultas para novas combinações [...]” (EDWARDS, 1984, p.15). Assim, para a autora, o objetivo do desenhar não apenas expressa o que o indivíduo pretende representar em imagem, mas também mostrar o seu ser. E essa definição se faz importante, pois os símbolos adinkras são desenhos que expressam a arte africana, sua filosofia e suas crenças.

Tomando como pesquisa o seu livro “O Espaço do desenho: A educação do educador”, a autora Ana Angélica Albano fala da importância do desenho e da sua busca por referências teóricas para a interpretação dos mesmos. Busca de técnicas da psicologia para interpretação dos desenhos. Assim, segundo a autora: “Desenhando com cores, com música ou com a palavra, a criança dentro do adulto se reencontra com o seu espaço lúdico. Adulto e criança podem, então, expressar no seu traço a sua palavra”. (MOREIRA, 1991, p. 127).

Sobre o ponto de vista do livro “Desenhismo” de Luiz Vidal, o autor explica: “A aptidão para a representação gráfica através da linguagem do desenho parece mesmo ser intrínseca, ou seja, todos nós a possuímos ao nascer. [...]”(GOMES, 1996, p.26). O interessante na sua abordagem é que muitas pessoas acreditam que não sabem desenhar, porém conseguem perceber e apreciar um desenho em todas as expressões artísticas.

Conforme Rodrigues (2003), diante dos vários conceitos que atribuímos à palavra desenho e a seus significados, o desenho é a união das linhas sobre a folha de papel, feitas manualmente, que irão determinar no ser humano, o conhecimento e a atenção do observar da arte. E para Azevedo Júnior (2007) podemos utilizar como ferramentas para o desenho: um lápis, carvão, nanquim, grafite, pastel, caneta, pincel, entre outros. O resultado desse processo é o que chamamos de desenho. O desenho passa a ser uma expressão de arte.

Os desenhos Adinkras tem suas formas com base em animais, corpos celestiais, corpo humano, objetos feitos pelo homem, formas abstratas e vida vegetal. A sua herança cultural africana está intimamente relacionada com seus ancestrais. Assim, os adinkras expressam muito mais que um simples símbolo gráfico de representações puramente



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

geométricas. Estudar a cultura Akan e interpretar os símbolos adinkras possibilitará o entendimento da arte e de seus significados, possibilitando a valorização e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e que dá importância à história, à filosofia, às crenças e a potencialidade de um povo (DYBAX; VENEZA, 2016). Assim, para conhecimento, segui na figura 2, alguns ideogramas mais conhecidos e utilizados.



Figura 2: Símbolos adinkras e seus significados.

Fonte: <https://www.behance.net/gallery/50412155/AK-Adornos-e-Acessorios-Adinkra>.

A utilização dos adinkras nos tecidos eram de direito e absoluto da realeza e líderes espirituais, e só eram usados para cerimônias importantes com finalidade de homenagear os espíritos dos ancestrais. Os símbolos eram impressos e carimbados no tecido para emanar seu significado. As formas que possuem um alto grau de generalização, representavam acontecimentos históricos, frases comuns proverbiais, atitudes ou comportamentos associados com a vida cotidiana da civilização Akan. Mas, atualmente, o uso dos símbolos Adinkras evoluíram gradativamente. Os desenhos são utilizados de forma criativa e de expressão artística. Os símbolos podem ser vistos no mundo da moda, usado como instrumento de relação da modernidade com a tradição. Também estão sendo usados como logotipos para várias empresas, instituições e igrejas. Os adinkras ganharam



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

visibilidade através da venda de trabalhos artesanais e artesanato, roupas urbanas, têxteis, tatuagens, cartões, entre outros (DADEY, 2013).

A sociedade moderna compreende que a cultura é necessária para a educação do homem, como um indivíduo civilizado. De acordo com a perspectiva de Muniz Sodré, a cultura estaria ligada às práticas de organização simbólica de produção real do sentido. A ideia da palavra cultura resultaria, numa produção discursiva que busca organizar o corpo social. Assim, apresenta-se focada na ideia de um campo normativo, um espaço próprio de identificação de elementos comuns e de exclusão de outros. Segundo Muniz: “[...] a cultura passa a demarcar fronteiras, a estabelecer categorias de pensamento, a justificar as mais diversas ações e atitudes, a instaurar o racismo e a se substancializar, ocultando a arbitrariedade histórica de sua invenção (SODRÉ, 2005, p. 8).

O estudo sobre a cultura, abordado por Laraia (1988), mostra as correntes do determinismo biológico e geográfico como pontos que determinam a cultura de um povo, e convence através de estudos empíricos e análises históricas (método defendido pelo autor) de que a cultura pode se desenvolver das mais variadas (e semelhantes) formas possíveis em qualquer lugar do mundo. A cultura é vista como algo que faz parte da essência do ser humano, tendo vista que é um ser social. Não existe ser humano sem cultura, e todos eles são capazes de aprender qualquer cultura, não importando sua raça ou origem. A cultura é tida como diretriz e formadora da visão de mundo de um indivíduo, que sem ela adocece, morre, como quando acometido de uma doença ou quando um órgão essencial para de funcionar adequadamente. É importante quando o autor fala que não existe cultura superior à outra, nem mais desenvolvida, nem mais lógica. Todas elas possuem seus princípios válidos para seus respectivos indivíduos. Antes de tudo, todas as culturas têm o mesmo valor. Segundo Roque Laraia:

Embora nenhum indivíduo, repetimos, conheça totalmente o seu sistema cultural, é necessário ter um conhecimento mínimo para operar dentro do mesmo. Além disto, este conhecimento mínimo deve ser compartilhado por todos os componentes da sociedade de forma a permitir a convivência dos mesmos. Um médico pode desconhecer qual a melhor época do ano para o plantio de feijão, um lavrador certamente desconhece as causas de certas anomalias celulares, mas ambos conhecem as regras que regulam a chamada etiqueta social no que se refere às formas de cumprimentos entre as pessoas de uma mesma sociedade. (LARAIA, 1988, p. 86).

A representação dos símbolos africanos e a utilização das cores na identificação da cultura Akan é tida como regional. As mulheres na utilização dos panos, preferem as cores marcantes mais suaves, como a branca, a amarela clara, a rosa, a púrpura, a azul clara, a verde clara e a turquesa. Já os homens, preferem as cores mais escuras como a preta, a



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

azul escura, a verde escura, a castanha, a amarela escura, a laranja e a vermelha. Entretanto, atualmente, muitas pessoas fazem as escolhas das cores seguindo sua preferência individual e pessoal (CASTRO, 2007).

Um motivo importante para se estudar a civilização Akan seria o fato de ter sido invadida por diversos povos e ter conseguido preservar sua identidade cultural referenciados pelos seus produtos. Assim, para o povo Akan, a cultura é transmitida por meio de signos, com o objetivo de entender e interpretar sua civilização por meio de imagens. Os Akans, além de terem seus trabalhos conhecidos na representação das máscaras, esculturas e nas vestimentas, tem também tradição na criação de joias. Estas são geralmente feitas de ouro e não são apenas ornamentais, tem como característica identificar a representatividade da sociedade (MENEZES; CASTRO, 2009).

3. O legado africano na sociedade brasileira

A lei nº 10.639/03, torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana no Brasil. Assim, podemos ver na sociedade brasileira a luta dos negros por igualdades através da participação de movimentos e organizações políticas e culturais, que foram criados com a finalidade de integrar o negro ao mercado de trabalho e na sociedade, visando o combate a exclusão social (DYBAX; VENEZA, 2016).

Os conhecimentos relativos ao passado do povo brasileiro, foram construídos com a força do povo negro, e que mesmo depois da sua abolição, sua liberdade ainda é perseguida. O negro africano continuou vivendo às margens da sociedade e o preconceito de sua cor ainda é visto nos descendentes que vivem neste país, que chamamos de Brasil (SILVA, 2011).

As pesquisas realizadas sobre Legados Africanos pela autora Marise de Santana, são de grande contribuição para o entendimento da cultura africana e da cultura afro-brasileira. Segundo a autora:

“É de fundamental valor não negar, ocultar ou naturalizar as imagens que uma palavra enuncia, todavia, esta é uma das problemáticas que emergem com a palavra legado africano. Esta palavra carrega consigo imagens que evoca mitos e ritos diferentes das que são sancionadas pela ordem cultural cristã, branca e maniqueísta, portanto europeizada” (SANTANA, 2017, p.15).

As diferentes etnias levam sobre o entendimento dos simbolismos étnicos, as imagens que determinam o significado de Legados Africanos. As indumentárias, entre outros, também podem ser observadas no sentido que atribuímos ao que chamamos de Legados Africanos. Assim, a pesquisa de Edson Dias Ferreira, “Fé e Festa nos Janeiros da



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

Cidade de Salvador-Bahia”, retrata as experiências de vida das mulheres participantes de festas populares na Bahia. A leitura de imagens feita a partir da análise das palavras que foram enunciadas através da oralidade destas mulheres. Portanto, a autora Marise de Santana, deixa claro sua intenção com a proposta de construir conhecimentos por meio da Antropologia com Ênfase em Culturas Afro-brasileiras. As pesquisas apresentadas apontaram que esta área do conhecimento se municia de categorias que estão no seio dos espaços de cultos religiosos de matriz africana para dar conta de pensar no espaço de estudo, como é o caso da categoria, Legado Africano (SANTANA, 2017).

4. Conclusão

Pudemos observar na pesquisa que as manifestações artísticas estão relacionadas à religiosidade e as questões ritualísticas, inspiradas nas crenças. Os Símbolos Adinkras teve como relevância a compreensão da arte africana, mostrando que os significados vão além da forma e da aparência. O objeto se materializa com o imaterial, além da beleza estética expressada na tradição ancestral, conectando o passado ao presente. Assim, cada elemento tem um significado e possui função comunicativa.

Na Comunidade Quilombola da Baixa da Linha as manifestações africanas estão mais relacionadas à religiosidade e às crenças. Os Símbolos Adinkras não são de total conhecimento da comunidade, embora alguns símbolos sejam bem parecidos com os símbolos encontrados na religião do Candomblé. A comunidade tem conhecimento sobre a cultura africana, reconhece seu legado e a importância na representatividade negra. A comunidade negra rural da Baixa da Linha, foi certificada pela Fundação Palmares como comunidade remanescente de quilombo em 27 de setembro de 2010.

O artigo apresenta a história da África, não conceituada por uma concepção escravista e através de imagens do negro folclorizada, omitindo a participação cultural africana na formação do país. Contudo, é mais que importante também deixar registrado na nossa história que os negros africanos tiveram um papel fundamental na cultura brasileira em vários aspectos: dança, música, religião, culinária e idioma.

Nesta pesquisa o observar da cultura africana aparece como uma arte primitiva que foi excluída da história universal até o fim do século XVIII, considerada selvagem por não adotar padrões estéticos europeus. E toda manifestação de arte realizada de forma diferente da visão eurocêntrica não era valorizada e compreendida. O processo de criação da arte africana não copia modelos, mas insere significados. Com isso, pudemos perceber no texto que os negros afro-brasileiros estão demonstrando as desigualdades históricas para a



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

população ao longo do tempo (luta por igualdade), o que influenciou na aprovação de mudanças legislativas na educação e na lei 10.639/03.

Referências Bibliográficas.

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. **Apostila de Arte – Artes Visuais**. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007.

CASTRO, Jacqueline Gonçalves Fernandes de. **Design como identidade: por meio de estudos sócio-culturais e dos signos**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho Industrial da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Campus de Bauru, São Paulo, 2007.

DADEY, Samuel Kofi Twum. **Adinkra Turismo: Site de Turismo de Gana**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenho Industrial. 2013.

DOSSIN, Franciely Rocha. **Apontamentos acerca do Ensino de Arte Africana e Afro-Brasileira**. In: VI Ciclo de investigações do PPGAV/Udesc, Florianópolis, junho de 2011, pp.112-124.

DYBAX, Vanessa; VENEZA, Jackelyne Corrêa. **Cultura africana por meio dos símbolos gráficos Adinkra**. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE. Paraná. Volume 1. ISBN 978-85-8015-093-3. 2016.

EDWARDS, Betty. **Desenhando com o lado direito do cérebro**. Betty Edwards; tradução Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1984.

FERNANDES, José Ricardo Oriá. **Ensino de história e diversidade cultural: desafios e possibilidades**. Cadernos Cedes, v. 25, n. 67, p. 378-388, 2005.

FERREIRA, Edson Dias. **Fé e Festa nos Janeiros da Cidade de Salvador-Bahia**. Tese de doutorado defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2004.

GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhismo**. 2. ed. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1988.

MENEZES, Marizilda dos Santos; CASTRO, Jacqueline Aparecida Gonçalves Fernandes de. **Design étnico: a identidade sociocultural dos signos**. Editora Unesp; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O Espaço do desenho: A educação do educador**. São Paulo. Edições Loyola. 1991.



DESENHANDO IDENTIDADES:
(RE)EXISTÊNCIAS, DISSIDÊNCIAS E CULTURAS
XV Seminário do Programa de Pós-Graduação
em Desenho, Cultura e Interatividade.



XV Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – 2020

MOREIRA, Andrea de Carvalho. **“LUCINDA: minhas escolhas me fizeram retornar ao quilombo”**. Relatório Técnico Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas da Universidade Federal do Recôncavo. Cachoeira, 2019.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Introdução às antigas civilizações africanas. Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, p. 39-49, 1996.

REZENDE, Evandro Carlos de; SILVA, Ricardo Tadeu Caires. **O sentido social das máscaras africanas tradicionais e o seu uso como objeto pedagógico em sala de aula**. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE. Paraná. Volume 1. ISBN 978-85-8015-076-6. 2013/2014.

RODRIGUES, Ana Leonor Madeira. **O que é Desenho**. Editora Quimera. Edição ou reimpressão: abril de 2003.

SANTANA, Marise de Santana. **Legados africanos: palavra enunciativa de simbolismos étnicos**. Revista Odeere (Revista do programa de pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – UESB), junho, 2017.

SILVA, Francisco Thiago Silva. **Nossas Raízes Africanas: Literatura e Cultura Afro-brasileira em prol de uma Educação Anti-racista**. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Diretoria Regional de ensino de Ceilândia. Escola Classe 39 de Ceilândia. 2011.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. Rio de Janeiro: DP&A, 3ª ed., 2005.

WILLIS, Bruce W. **The Adinkra Dictionary**. A visual Primer on the language of Adinkra. Washington, DC, 1998 p. 15 - 16 (tradução livre).